

DIFAMANDO A UFAM EM 3, 2, 1... JÁ: REPRESENTAÇÕES MANAUARAS SOBRE O “NOSSO MAIOR PATRIMÔNIO”¹

SLANDERING UFAM IN 3, 2, 1... NOW: MANAUS REPRESENTATIVES ON "OUR GREATEST HERITAGE"

CALUMNIAS CONTRA LA UFAM EN 3, 2, 1... AHORA: REPRESENTANTES DE MANAOS HABLAN SOBRE "NUESTRO MAYOR PATRIMONIO"

Fábio Souza Correa Lima²

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Raissa Pereira Cândido³

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Resumo

O texto em tela reflete sobre as difamações que circulam pelas redes sociais virtuais e no seio das famílias manauaras acerca da universidade pública, em especial, a Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Para seguir nesse caminho, realizamos a investigação com uma bibliografia adequada ao tema, que por um lado oferece informações sobre o tamanho e importância da universidade pública brasileira e, por outro, pondera sobre a crise que essa instituição estaria vivendo no ocidente. Utilizamos também a categoria de análise de representação coletiva, proposta por Roger Chartier (1991), ao investigarmos a atuação das redes sociais e o impacto delas na construção da imagem da universidade pública na cabeça dos jovens que estão entrando na UFAM. Aliado a esse conceito, empregamos a técnica de questionário semiestruturado partindo da experiência dos autores Galdino Chaer, Rafael Rosa P. Diniz e Elisa Antônia Ribeiro (2011), oferecendo ao entrevistado a possibilidade de expressão do seu posicionamento com maior coerência. Esse instrumento de investigação foi direcionado aos discentes calouros de pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da UFAM entre os anos 2024 e 2025. Sobre esse quadro teórico, e após a construção das fontes com dados da pesquisa, buscamos reconhecer quais os setores sociais potencialmente se beneficiam e/ou estão relacionados aos conteúdos divulgados sobre a referida instituição, bem como seus posicionamentos político-ideológicos e os principais meios pelos quais as difamações se reproduzem.

Palavras-chave: UFAM; Universidade Pública; Representação; Difamação; Redes Sociais Virtuais.

¹ Estudo aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa - CEP/ UFAM, número CAAE: 82223724.3.0000.5020. Autorização para aplicação do questionário da direção da FACED, dia 12 de junho de 2024. Processo nº 23105.025485/2024-57. SEI nº 2090747. Os dados da entrevista estão disponíveis em: <https://surl.it/ndinvw>.

² Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atua como professor adjunto de História da Educação na Faculdade de Educação (FACED) e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: fabiosouzaclima@ufam.edu.br. <https://orcid.org/0000-0002-1855-1738>.

³ Graduanda em Pedagogia e discente de Iniciação Científica 2024-2025 da UFAM. E-mail: raissa.candido@ufam.edu.br. <https://orcid.org/0009-0003-3282-6931>.

Abstract

This text reflects on the defamatory statements circulating on social media and within families in Manaus regarding public universities, especially the Federal University of Amazonas (UFAM). To explore this topic, we conducted research using appropriate bibliography, which on one hand provides information about the size and importance of Brazilian public universities and, on the other hand, considers the crisis that this institution is experiencing in the West. We also used the category of collective representation analysis, proposed by Roger Chartier (1991), to investigate the role of social networks and their impact on the construction of the image of public universities in the minds of young people entering UFAM. In conjunction with this concept, we employed a semi-structured questionnaire technique based on the experience of authors Galdino Chaer, Rafael Rosa P. Diniz, and Elisa Antônia Ribeiro (2011), offering respondents the opportunity to express their position more coherently. This research instrument was directed at first-year pedagogy students at the Faculty of Education (FACED) of UFAM between the years 2024 and 2025. Based on this theoretical framework, and after constructing the sources with research data, we sought to identify which social sectors potentially benefit from and/or are related to the content disseminated about the institution in question, as well as their political-ideological positions and the main means by which defamation is reproduced.

Keywords: UFAM; Public University; Representation; Defamation; Virtual Social Networks.

Resumen

Este texto reflexiona sobre las declaraciones difamatorias que circulan en redes sociales y en familias de Manaus respecto a las universidades públicas, especialmente la Universidad Federal de Amazonas (UFAM). Para explorar este tema, realizamos una investigación con bibliografía apropiada que, por un lado, proporciona información sobre el tamaño y la importancia de las universidades públicas brasileñas y, por otro, considera la crisis que supuestamente atraviesa esta institución en Occidente. También utilizamos la categoría de análisis de la representación colectiva, propuesta por Roger Chartier (1991), para investigar el papel de las redes sociales y su impacto en la construcción de la imagen de las universidades públicas en la mente de los jóvenes que ingresan a la UFAM. En consonancia con este concepto, empleamos la técnica del cuestionario semiestructurado, basándonos en la experiencia de los autores Galdino Chaer, Rafael Rosa P. Diniz y Elisa Antônia Ribeiro (2011), ofreciendo al entrevistado la posibilidad de expresar su postura con mayor coherencia. Este instrumento de investigación se dirigió a estudiantes de primer año de Pedagogía de la Facultad de Educación (FACED) de la UFAM entre 2024 y 2025. Con base en este marco teórico, y tras construir las fuentes con datos de la investigación, buscamos identificar qué sectores sociales se benefician o se relacionan con el contenido difundido sobre la institución en cuestión, así como sus posturas político-ideológicas y los principales medios por los que se reproduce la difamación.

Palabras claves: (Fonte Arial, 11, just., espaçamento simples - de 3 a 5 palavras-chave separadas por ponto e vírgula).

INTRODUÇÃO OU “UM OBJETIVO QUE NUNCA IMAGINEI ALCANÇAR” (ENTREVISTADO Q, 2024).

“In universa scientia veritas” (A verdade está na ciência como um todo ou Ciência como verdade universal) é o lema da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), instituição de ensino superior que atua na maior unidade da Federação brasileira. O primeiro uso desse lema, contudo, está no início do século XX, quando por iniciativa de Henrique José Moers, Astrolábio Passos e Galdino Ramos, entre outros civis e militares interessados no desenvolvimento cultural e educacional da região, surgiu a primeira



instituição de ensino superior do país a se utilizar explicitamente do nome de “universidade”, isto é, a *Escola Universitária Livre de Manáos*, em 1909 (Cunha, 2007; 2016).

O lema conciso da instituição, escrito em latim, ainda era reflexo do positivismo, fortemente enraizado entre os meios militares, que havia levado o Brasil Império a se tornar uma República há poucos vinte anos. No contexto Manaus, havia também um certo distanciamento geográfico das disputas entre diferentes grupos políticos na capital do país, além das benesses do ciclo econômico gomífero na região norte, formadora de uma geração de jovens que retornavam da Europa com novas ideias, estabelecendo uma burguesia letrada e atuante na chamada *Belle Époque* manauara (Araújo; Lima, 2025).

Na época, as provas dos alunos da instituição demonstravam em suas escritas que naquele lugar não havia espaço para o que Augusto Comte havia definido como estados teológico e metafísico do desenvolvimento humano. Por outro lado, a *Escola Universitária Livre de Manáos*, assim como se imaginavam as instituições do ensino superior, seria o lugar do estado positivo, onde toda imaginação (primeiro estado) e toda argumentação (segundo estado) devem ser substituídas pela observação e investigação do real (Comte, 1978).

Essa abordagem positivista, contudo, é justamente o que não nos propomos fazer aqui, posto o nosso interesse na causalidade e na construção de representações coletivas sobre a universidade pública, em especial, a UFAM. Nesse processo, evidentemente, buscamos entender o contexto social que leva a universidade nos dias de hoje a sofrer as difamações dentro da própria sociedade em que ela atua. Além disso, ressaltamos, a ideia de “alcance da verdade” em uma investigação científica tem sido substituída pela perspectiva de verossimilhança com a aquilo que pode ser verificado. Dessa maneira, cabe salientar que a universidade da atualidade não é, de forma alguma, a mesma daquela no início do século XX.

Diferente daquela instituição de um século atrás, a UFAM não apenas reconhece causalidades presentes nos fatos sociais, mas realiza investigações em diversas áreas do conhecimento tendo como ponto de partida as questões políticas, sociais, culturais e econômicas presentes na humanidade em suas diferentes formas de organização social. Além disso, estabelecer uma ligação direta e linear entre a *Escola Universitária Livre de Manáos*, extinta em 1926, e a Universidade Federal do Amazonas, nomeada desta maneira em 2002, exige outra investigação. Contudo, o que temos até aqui é que o lema das duas instituições é o mesmo (Araújo; Lima, 2025; Brasil, 2002).



Dessa maneira, o texto em tela reflete sobre as difamações que circulam pelas redes sociais virtuais e no seio das famílias manauaras acerca da universidade pública, em especial, a Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Nesse processo, nos utilizamos de uma bibliografia adequada ao tema, bem como da técnica de questionário semiestruturado, com questões desenhadas de maneira que o entrevistado também pudesse se expressar, conforme prescrevem Galdino Chaer, Rafael Rosa P. Diniz e Elisa Antônia Ribeiro (2011). O questionário também buscou reconhecer quais os setores da sociedade manauara potencialmente se beneficiam e/ou estão relacionados aos conteúdos divulgados sobre a UFAM, os seus posicionamentos político-ideológicos e os principais meios pelos quais as difamações à universidade se reproduzem, caracterizando-se como uma verdadeira luta de representações. O resultado foi o contato com uma série de imagens cristalizadas na mente de pessoas com pouca compreensão do que é a universidade pública. Trata-se, como escreveu Chartier (1991), de uma construção da presença na ausência do objeto a ser representado.

Sabemos que essas representações podem convencer de algo, tanto quanto podem também figurar como uma distorção, dado o afastamento entre os signos que apresenta e a realidade que se demonstra. Nossa pesquisa, portanto, busca também se colocar na tensão entre as representações construídas sobre a UFAM e os possíveis desmentidos presentes nas entrevistas dos discentes da instituição. Com isso, finalmente poderemos entender as disputas de grupos sociais, as *lutas de representações* que se apresentam e tentam se impor no cenário manauara (Carvalho, 2005; Chartier, 1991).

A pesquisa contou com 80 discentes calouros de Pedagogia do ano de 2024/2025⁴, número que corresponde a totalidade de alunos ingressantes no curso da Faculdade de Educação (FACED), que não por acaso, é o curso de formação de professores mais antigo de toda região Norte do país (Lima, 2020). Todos os alunos entrevistados são maiores de idade, sendo apenas quatro alunos maiores de 24 anos. Esse total de acadêmicos estava dividido em quatro turmas, sendo: T.1: 23,8%, T.2: 38,8%, T.3: 18,8% e T.4: 18,8%. Dos oitenta entrevistados, 67,5% desejaram manter anonimato, sendo identificados aqui como entrevistado⁵ A, B, C, e assim por diante. Os demais entrevistados foram identificados pelas

⁴ O calendário acadêmico da UFAM terminou o seu reajuste por conta da pandemia de Covid-2019 no início do ano de 2025. Por conta disso, considerando que o curso de pedagogia recebe calouros apenas uma vez por ano, os alunos ingressantes em 2024 ainda estavam como calouros do segundo período no início de 2025, quando o semestre letivo oficialmente encerrou.

⁵ Sob a clareza de que a maior parte das estudantes do país são mulheres, e ciente das questões envolvendo gênero, para maior fluidez do artigo, adotamos o uso formal da língua portuguesa, onde se considera o gênero humano.



iniciais dos seus nomes. Em todas as respostas discursivas foram mantidas as suas formas originais (*sic erat scriptum* - SIC).

Vale a pena ressaltar, em tempo, duas expressões que aparecem no título deste estudo, a saber: “Nosso maior patrimônio” e “Difamando”. Para o primeiro, como é de fácil entendimento, dada a ampla divulgação de imagens do portal de entrada do campus da UFAM em Manaus, onde podemos ler “UFAM • Desde 1909 • Nosso maior patrimônio”, demonstra a defesa e o entendimento pelos servidores que ali trabalham de que a educação ainda é a maior promotora de transformação social e desenvolvimento do estado. Não é por acaso que a concorrência para o acesso a instituição seja tão grande: “Um objetivo que nunca imaginei alcançar” (Entrevistado Q, 2024), como descreveu um dos entrevistados. A expressão “Nosso maior patrimônio” faz ainda mais sentido, quando se dá conta de que a UFAM é a única universidade federal atuante no Amazonas⁶. Ao mesmo tempo que concentra poder e holofotes sobre apenas uma instituição de ensino superior federal, isso também a torna único alvo das críticas.

A segunda expressão citada, “Difamando”, nos obriga a uma breve apresentação do porquê de sua escolha. Recorrendo ao Código Penal brasileiro (Brasil, 1940) verifica-se que calúnia, difamação e injúria são tipificadas como crimes, respectivamente, nos artigos 138, 139 e 140. A calúnia e a injúria são tipificações apropriadas para crimes contra a honra subjetiva, sendo tuteladas às pessoas físicas. A honra subjetiva é caracterizada pelo “[...] sentimento de cada um a respeito de seus atributos físicos, intelectuais, morais e demais dotes da pessoa humana. É aquilo que cada um pensa a respeito de si mesmo em relação a tais atributos” (Jesus, 1992, p. 288). A honra subjetiva, portanto, está ligada exclusivamente a pessoa humana, isto é, a pessoa física.

Por outro lado, tem-se avaliado a possibilidade de aplicação da honra objetiva às pessoas jurídicas, uma vez que notícias falsas podem prejudicar os negócios ou a imagem que determinada instituição necessita preservar no meio social. A partir dessa diferenciação, o entendimento tem sido que pessoas jurídicas podem sofrer danos a sua honra objetiva, cabendo a elas constar como sujeito passivo nos crimes de difamação (Jesus, 1992; STJ, 1999). Em outras palavras, uma pessoa jurídica pode processar uma pessoa física ao considerar que sua honra objetiva foi difamada.

Encerrando a introdução, destacamos que ao elaborarmos o instrumento de entrevista, o fizemos de maneira a tornar os dados da pesquisa mais do que percentuais a

⁶ Embora não tenha o perfil de universidade, há também no estado do Amazonas o Instituto Federal do Amazonas. Com alto padrão de ensino, o instituto desenvolveu onze cursos de graduação, sendo quatro de licenciatura.



serem expostos. Os pensamentos dos discentes permeiam nossa escrita desde o início, e, por isso, decidimos colocá-los também nos títulos dos tópicos. Assim, seguimos pelo desenvolvimento, em que desvelamos as principais representações que circulam sobre a UFAM. Ainda sobre dessas representações, em seguida, apontamos para os aspectos edificantes e auspiciosos ligados as experiências dos discentes na universidade. Depois disso, apresentamos três caminhos que podem nos fazer entender a situação da universidade nos dias atuais. Concluimos a reflexão com algumas perspectivas sobre transformações e o futuro da universidade pública brasileira.

DESENVOLVIMENTO OU “SE VOCÊ ENTRAR NA UFAM, VAI SE ENVOLVER COM COISA ERRADA” (MCKA, 2024)

Do total de calouros de Pedagogia, 53,7% dos discentes afirmaram ser oriundos de ambientes conservadores ou liberais (considerando referenciais econômicos e o atual panorama político que busca amalgamar esses campos). Nenhum estudante relatou ter vindo de um ambiente reacionário, enquanto 46,3% apontaram para opção progressista. Ainda entre as questões iniciais, 92,5% afirmaram terem sido estimulados a fazer o ensino superior, sendo que deste percentual, 57,5% apresentaram a família como o principal estimulador.

Quando perguntamos se já haviam ouvido conteúdo difamatório sobre a UFAM, 97,5% responderam que sim. Mesmo sabendo que a família é a principal influência dos jovens, torna-se interessante colocar onde eles haviam ouvido esses conteúdos. Para essa questão, deixamos que os respondentes marcassem mais de uma opção. O resultado foi “Dentro de casa, em ambiente familiar”, 51,2%, “Igreja Católica”, 5%, Igreja Evangélica”, 22,5%, “Universidades particulares/ privadas”, 27,5%, “Na própria UFAM”, 16,3% e, em sua maioria, nas “Redes Sociais”, 65%.

As redes sociais, para além das discussões sobre os seus benefícios e malefícios, são uma nova forma de produção de textos (Chartier, 1991). A emergência dessas formas de comunicação transformou a maneira com a qual se realiza a prática da leitura, sendo, além de influenciadoras do pensamento das últimas gerações de jovens, também uma das principais divulgadoras de conteúdo difamatório sobre as universidades públicas no Brasil e no mundo.

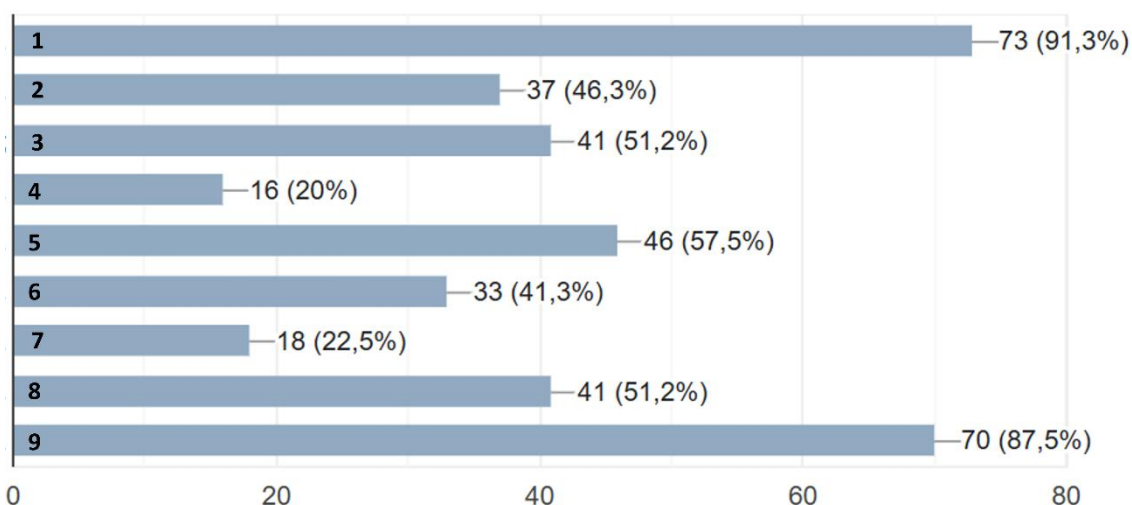
Na época das enciclopédias vendidas de porta em porta, a produção de sentido para as experiências vividas passava pelo acúmulo de saberes anteriormente adquiridos, em que eram adicionadas as pesquisas, a leitura e o tempo de reflexão e escrita. Embora as



bases do conhecimento continuem as mesmas, isto é, as famílias, os espaços religiosos, as redes de amizade e os espaços educacionais, conforme descrito pelos discentes, a produção de sentido tem sido mudada rapidamente pelas redes sociais digitais. A cada geração se aprofunda a mediação realizada por essas redes, que nos tempos frenéticos de 2x, 3x ou 4x, ainda limitam a quantidade de caracteres por onde constroem saberes ou recorrem a tipificações por imagens. Nesse processo de transformação de sociabilidade e de comportamento, já estamos todos inseridos num programa em que não se reflete sobre quem, sobre o porquê ou em relação a quais são as reais finalidades em se criar um espaço virtual (Chartier, 1991).

Com efeito, a reprodução das mesmas mensagens curtas e memes, contribuem intencionalmente para cristalizar determinadas imagens da universidade pública. Na continuidade dos nossos questionamentos, indagamos sobre o que os conteúdos difamatórios - que quase todos os alunos ouviram - faziam referências:

Figura 1



Fonte: Produzido a partir do questionário da pesquisa. Legenda: 1. Uso de drogas ilícitas na UFAM; 2. Uso de bebidas alcoólicas na UFAM; 3. Ao comunismo; 4. Seitas ligadas ao diabo/ Satanismo; 5. As mudanças com relação a gênero e sexualidade; 6. A práticas de libertinagem sexual no espaço universitário; 7. As atividades impróprias dos professores; 8. Ao posicionamento político-ideológico inadequado dos professores; 9. A universidade não funcionar porque está sempre em greve.

Sem perder de vista as bases de conhecimento e o novo filtro com o qual são produzidos os sentidos da realidade, percebemos o quão fortemente os temas de “Uso de drogas ilícitas na UFAM”, “As mudanças relacionadas ao gênero e a sexualidade”, “Ao comunismo” e “As mudanças relacionadas ao gênero e a sexualidade” estão presentes na sociedade manauara. Esses percentuais destacados se reafirmaram, quando de forma



discursiva, os entrevistados foram perguntados sobre o que eles ouviam dizer sobre a UFAM.

[...] ufam só tem maconheiro, que aqui tem muita festinha com bebidas e orgias. De que aqui todos são petistas e radicais e vão “fazer a nossa cabeça”, no sentido de moldar nossas ideologias políticas de acordo a dos então professores. E claro, já ouvi muito que eu demoraria muito pra me formar por conta das greves (RVC, 2024).

Assim que falei que passei na UFAM, já ouvi muitas coisas desse tipo. Falaram que eu ia começar a usar droga, que tinha mais greve que aula, que havia muitas coisas imorais e sexuais, que não fazia diferença de uma instituição particular para uma federal, e que só tinha nome, e só tinha maconheiro e comunista. E que era pra ter cuidado ao estudar livros de filosofia e sociologia pois eram livros de ateus e eles eram do diabo (RBSS, 2024).

Quando estava no ensino médio não pensava entrar na ufam, tanto q a ufam nem era uma opção. Escutava muito sobre o uso de drogas, principalmente maconha, os atos sexuais que “sempre aconteciam” dentro das salas. Além disso, não queria cursar na ufam pq escutava muito que a faculdade vivia em greve e que era desorganizada, que eu iria me formar no mínimo em 10 anos em decorrência das greves (Entrevistado B, 2024).

No âmbito da igreja católica a maior preocupação era de que eu passasse a ser usuário de drogas ilícitas, alcoólicas ou me converter a religiões ligadas ao “diabo” sendo que foi inclusive sugerido que eu desistisse da vaga e ingressasse em uma universidade particular. No âmbito familiar, a preocupação era relacionada a questões de sexualidade tendo em vista que são pessoas conservadoras e em relação a greves, que muitos alegavam que conheciam pessoas que eram atrapalhadas pelas constantes greves (AGS, 2024).

Quando as pessoas ficam sabendo que estudo na UFAM já me perguntam se já fumei um “baseado”, se já liberei pra meio mundo, e já me chamaram pra um culto de jovens da universal, essa pra mim foi a pior parte (Entrevistado C, 2024).

Nas redes sociais é o clássico, várias postagens de contas anônimas que disseminam comentários, com humor de mau gosto, como dizendo que a UFAM só tem gente vagabunda, que não quer trabalhar nos cursos de Humanas e Licenciatura, e além de que a Universidade passa mais tempo em greve a que “funcionando”. Na parte das faculdades privadas é no âmbito da rivalidade, e em outros lugares, como a minha escola do Ensino Fundamental, que era da rede municipal, foi dito que era melhor focarmos em um curso técnico para se inserir no mercado de trabalho rápido, e teve um caso de um professor que teve a fala que se escolhesse ir para UFAM estudar, que iríamos perder tempo e ir só pra usar drogas, e as meninas possuem um facilitador, pois poderiam ter relações sexuais com os professores para terem nota boa, e também, todo lugar que eu vou e perguntam onde eu curso o superior, e eu respondo que é na UFAM, já fazem piadinhas (Entrevistado D, 2024).

Perguntados sobre se eles acreditaram no que ouviam, 86,25% dos calouros declararam terem acreditado que todas ou ao menos uma dessas histórias faria parte da



sua realidade no cotidiano de estudos da universidade federal: “Todos, pois era uma pessoa da minha família que sempre fazia essas afirmações” (Entrevistado C, 2024); “Ideologia política, acreditei mesmo sem conhecer a universidade pois era algo que todos do meu círculo social falavam” (Entrevistado V, 2024); “Eu ia vê gente transando no banheiro, ia ficar brisada nas primeiras semanas, não ia me formar pela enrolação” (Entrevistado E, 2024); “[...] Tinha receio de que o uso de drogas ilícitas fosse real nos corredores ou salas de aula. Receio também de não ter bons professores ou professores ignorantes devido a relatos de outras universidades federais no Brasil em redes sociais” (SNV, 2024).

[...] por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; [...] A relação de representação - entendida como uma relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga [...] (Chartier, 1991, p. 184).

Essas representações fortemente presentes nas bases e nas redes sociais onde se formam e informam os manauaras sobre a UFAM tem levado os seus estudantes a sofrerem situações de desconforto, constrangimento e até discriminação. São muito comuns os relatos de que no transporte público da cidade as pessoas que realizam proselitismo religioso emendam suas pregações a acusações aos alunos e a universidade sobre comunismo, satanismo e uso de drogas, além de realizarem referências depreciativas as relações de gênero. Relacionado a isso, perguntamos: “Você já ouviu alguma discriminação direcionada exclusivamente para você pelo fato de estar cursando a UFAM?”

Afirmaram que sim, 48,8% dos discentes. Algumas das suas descrições foram: “Que eu ia virar maconheira também” (LECS, 2024); “Que eu seria feminista e usuária de droga” (Entrevistado F, 2024); “[...] A discriminação foi acerca da libertinagem anticristo no espaço acadêmico” (Entrevistado G, 2024); “Vai acabar engravidando, porque só tem esse tipo de coisa lá” (Entrevistado H, 2024); “Que não seria uma boa profissional” (MGPC, 2024); “Já insinuaram que eu era usuária de droga” (Entrevistado J, 2024); “Falaram que não pago mensalidade, mas iria pagar com a alma e que seria outra pessoa depois que terminasse o curso” (ACFN, 2024); “Me chamaram de maconheira quando disse que estudava na UFAM, em ambiente de trabalho” (ICMP, 2024).

Outros lugares: no trabalho, é muito comum ser “zoadado” quanto a estudar em uma federal, seja por falsas informações ou até mesmo por acreditarem não ser adequada aos costumes morais, é muito comum ouvir por exemplo, que a universidade vive de greve e que está atrasada quanto a outras instituições, ao ponto de evitar falar onde estudo para que não haja



engajamento negativo e a ser associado a coisas ilícitas (Entrevistado U, 2024).

POR OUTRO LADO, OU “[...] ALGO ‘MÁGICO’ E UMA OPORTUNIDADE ÚNICA PARA MUDANÇA DE VIDA” (LSB, 2024).

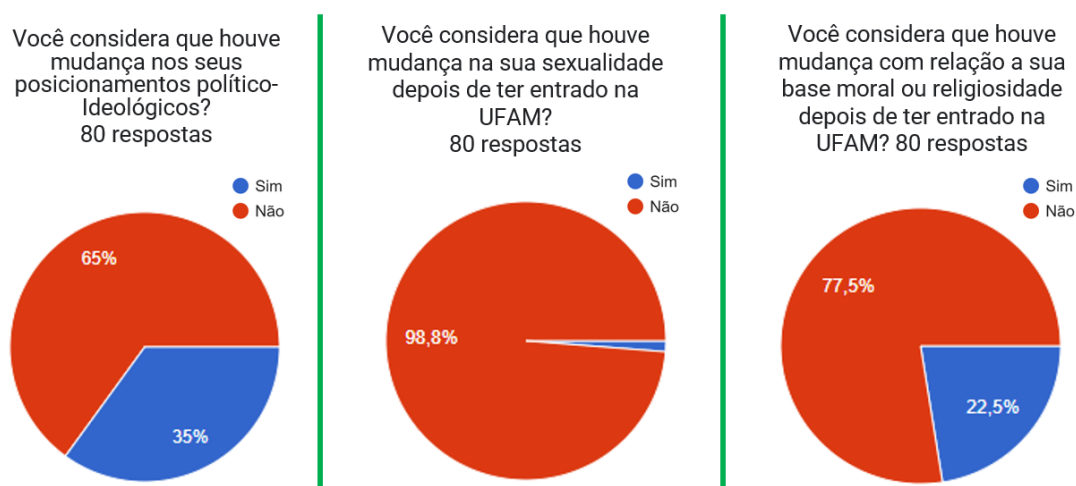
Com quase 28 mil estudantes, a UFAM possui 120 cursos de graduação presencial, 44 cursos de mestrado acadêmico ou profissional e 20 cursos de doutorado, distribuídos pelas unidades acadêmicas de Manaus e demais pelos campi de Coari, Humaitá, Itacoatiara, Parintins e Benjamin Constant, além de oito cursos de graduação em EaD, com três especializações (UFAM, 2024). Recentemente, o governo federal, por meio de sua Secretaria de Comunicação Social, publicou artigo posicionando as universidades brasileiras em um ranqueamento global, na qual a UFAM se encontra na posição de 53º melhor universidade do país e em 1999º do mundo, considerando 21 mil instituições pesquisadas. A metodologia de medição das universidades incluiria a avaliação do corpo docente, da produção e da qualidade de pesquisa, além da empregabilidade e performance dos egressos (Secom, 2025).

Muitas menções positivas também emergiram das respostas dos discentes sobre a imagem que tinham da universidade antes de ingressar nela. São referências que ratificam o posicionamento de muitos professores da instituição sobre a qualidade de ensino prestada: “[...] Lá é que surgem os intelectuais, de onde vem as pesquisas científicas, e de onde normalmente surgem importantes descobertas” (Entrevistado K, 2024); “Uma universidade renomada” (Entrevistado L, 2024); “Uma universidade de prestígio” (Entrevistado M, 2024); “Sempre tive uma visão de que a ufam é a maior faculdade e que se eu entrasse eu ia dar muito orgulho para os meus pais” (TCS, 2024); “Uma universidade cheia de diversidade e por isso com ideologias distintas da minha. No entanto, com a melhor qualidade de ensino, uma vez que é priorizada por boa parte da população amazonense” (Entrevistado N, 2024); “Sempre foi orgulho para mim estudar em universidade pública, e ao me deparar com o ensino me encantei ainda mais” (LGS, 2024); “Admiração, encantamento, aprendizagem e respeito” (JSS, 2024); “Sempre enxerguei a UFAM como uma universidade pública boa e referencial” (ICMP, 2024); “Eu sempre achei a Ufam muito grandiosa e excelente, sempre quis estudar aqui e fazer parte. Não me deixei levar pelas difamações” (Entrevistado O, 2024).



A representação da UFAM, como de qualquer outra instituição, é uma construção que se realiza em meio a disputas sociais sobre a imagem que se quer construir e/ou manter sobre si mesmo ou sobre o outro. As três questões colocadas no quadro abaixo também refletem essas disputas ou “lutas representativas” sobre imagens da universidade, evidenciando interesses de grupos em difamar essas instituições de ensino superior. Elas nos encaminham para uma sentença muito veiculada em redes sociais virtuais, onde há forte presença de grupos de extrema-direita: “Os alunos são doutrinados na universidade pública!”

Figura 2



Fonte: Google Formulário. Produzido a partir do questionário da pesquisa.

Conforme já apontamos, a maior parte dos entrevistados são jovens entre 18 e 24 anos. As mudanças nesse período são esperadas não apenas pelo desenvolvimento pessoal dos indivíduos, como também pelo desenvolvimento intelectual e profissional, em que efetivamente a universidade atua. Ora, vale a pena responder a sentença dos grupos difamadores nas redes sociais acerca da doutrinação de professores e da transformação do filho ou da filha quando chegam ao ensino superior:

Nós, professores, dizemos que quando o aluno não transforma a sua maneira de ver, estar e pensar o mundo do processo de graduação, quer dizer que “ele passou pela universidade, mas a universidade não passou por ele”. Isso quer dizer que o ensino superior deveria ser aquele que toca, necessariamente, em questões centrais da vida dos educandos, sejam elas políticas, econômicas ou culturais, o que inclui, sim, a sua religião.



Na completude dessas mudanças que os alunos sofrem não está a conversão ao comunismo ou a qualquer outra ideologia, mas encontra-se, inicialmente, no ensino de uma linguagem própria da academia que consiste em uma forma de ler, de interpretar, de pesquisar, de escrever, de publicar e de produzir novos saberes: a forma científica. Essa transformação começa já nos primeiros períodos, quando o discente entende que para a entrega de simples trabalhos, ele precisa seguir as mesmas regras que os seus professores seguem, isto é, as dispostas na ABNT. Essa profissionalização/cientifização da relação entre o jovem e o saber também se impõe quando ele descobre que plágio é crime, e que, agora, sendo ele maior de idade, vai ser responsabilizado.

É impensável que um jovem estudando por três a cinco anos, iniciando no mundo do trabalho, experimentando relativa autonomia financeira e pessoal, tendo contato com diferentes culturas, filosofias e expressões da realidade, saia desses anos de ensino superior com a mesma concepção de mundo que tinha quando entrou. Em outras palavras, a universidade, assim como as demais experiências ordinárias da vida adulta, atinge e modifica o ser social. Portanto, aquela universidade que não operou ou não auxiliou em qualquer transformação na vida do seu educando, fracassou universalmente.

Conforme vemos no quadro, responderam que “sim” a questão sobre sexualidade, 1,2% dos entrevistados. Embora essa questão não interfira na formação profissional e científica, a mantivemos por entender que ela povoa a mente das pessoas que se ocupam das redes sociais virtuais. Duas das respostas que recebemos aludem nosso pensamento sobre tema: “Apesar de eu não acreditar que exista “mudança de sexualidade” irei responder à pergunta. Minha sexualidade permaneceu a mesma; não se trata de uma escolha” (SFCC, 2024); “Continuo com minha opção sexual respeitando o próximo” (Entrevistado P, 2024).

O terceiro gráfico do quadro aborda a questão da religião, tema que, inicialmente, assim como a questão da religiosidade, não é um ponto de atenção acadêmica, embora seja central para determinados grupos sociais que trataremos no próximo tópico. Com relação ao momento da vida dos estudantes, conforme já descrevemos anteriormente, apresenta-se um número de 22,5% de pessoas que citaram mudança em sua base moral ou religiosidade após terem entrado na UFAM. Se esse realmente fosse um tema da universidade, isto é, uma meta ou uma das finalidades da instituição, ela teria falhado. A maior parte dos entrevistados alegaram manter a mesma base moral e religiosidade desde antes de entrar na universidade. De posse de mais esse resultado, finalmente, nos dispomos a reconhecer quais os setores sociais potencialmente se beneficiam e/ou estão



relacionados aos conteúdos divulgados sobre a UFAM e a universidade pública, bem como seus posicionamentos político-ideológicos e os principais meios pelos quais as difamações são divulgadas.

TRÊS CAMINHOS PARA EXPLICAR ESSE MOVIMENTO OU “NAS MÍDIAS E NAS REDES SOCIAIS O QUE NÃO FALTAM SÃO “INFORMAÇÕES” [...]” (ENTREVISTADO C, 2024).

Na leitura que realizamos sobre esse questionário identificamos frequentes ocorrências de termos que nos levaram a três caminhos para explicar esse movimento de difamação das universidades públicas em meio as lutas representativas, a saber: interesses privados; ações políticas e ideológicas; movimentos religiosos. Em todos os casos, cotejados pelo campo de atuação, encontramos o forte uso das redes sociais virtuais⁷.

Nas mídias e nas redes sociais o que não faltam são "informações" que são contra todo tipo de mudança promovida pelo estudo e ciências, e quando vem da UFAM, um lugar onde as pessoas querem mudanças e avanço. E em conjunto com a mídia vem um pastor mequetrefe aqui do meu bairro defender que mulheres quando ingressas na UFAM viram "libertinas". Dentro de casa um parente meu (que faz parte da UFAM) adora reclamar da comunidade lgbt (Entrevistado C, 2024).

É ponto pacífico que a universidade enquanto instituição está enfrentando uma crise que tem profunda relação com a sua identidade. Essa identidade remonta ao seu passado medieval e moderno, ora sob financiamento da Igreja, ora sob financiamento dos estados nacionais, em que as elites intelectuais eram formadas para ocupar postos de trabalho ligados a própria Igreja e aos estados. No Brasil, o ensino superior não seguiu um caminho diferente durante os séculos XVI a XIX, e menos ainda com o surgimento das universidades durante todo o século XX. Porém, no século XXI, o retrato dessa universidade tem sido paulatinamente transformado por políticas afirmativas como as de cotas. Essas políticas públicas têm colocado cada vez mais pessoas negras, pardas e indígenas, em boa medida oriundas das escolas públicas, nos espaços escolares, seja nos cursos de licenciatura, seja nos cursos que tradicionalmente eram destinados às elites (Costa, 2023; Silva, 2023).

⁷ Há farta literatura científica que discute sobre como as redes sociais criam bolhas sócio-ideológicas e como elas acabam promovendo discursos de ódio e desinformação no processo de construção da sociabilidade dos indivíduos. Embora esta não seja a nossa proposta, indicamos os estudos de Zuckerman, 2017; Quadrado; Ferreira, 2020; Lemos; Coelho, 2019; Lê; Anecleto; Ribeiro, 2022; Jesus; Nobre, 2024.



Contudo, nem todas as políticas para a educação no século XXI tiveram fins sociais. A partir dos anos 2000, as políticas públicas nacionais proporcionaram a abertura do campo educacional aos interesses privados. Se no total, a quantidade de Instituições de Ensino Superior públicas no país, passaram de 176 para 317, as particulares passaram de 1004 para 2244 (INEP, 2020). A entrada de capital estrangeiro, a oligopolização e a financeirização das empresas de educação brasileira deram o tom desse crescimento, ampliando as vagas noturnas em instituições muitas vezes incorporadas por empreendimentos sem qualquer ligação com a educação⁸. Nessa época, embora os cursos de Ensino a Distância (EaD) já existissem, ainda não haviam sido popularizados. A situação mudou fortemente depois da pandemia de Covid-19 no Brasil (verificada entre 2020 e 2023), conforme apontaremos nos próximos parágrafos, agregando mais esse componente ao tipo de educação prestada pelo mercado.

À essa questão acrescenta-se uma variante atual descrita por Vladimir Safatle (2025) como essencial para entender a crise da universidade: os governos ocidentais teriam perdido o interesse na universidade, posto que não acreditariam em modelos de gestão baseados na conciliação de setores sociais que potencialmente poderiam gerar desestabilização política e social dos países.

Os setores fundamentais da economia mundial e os atores reais da economia nacional sabem que podem sobreviver sem universidades. Eles podem sobreviver com uma educação disciplinar, unidimensional e vinculada apenas à expectativa de valorização simbólica fornecida pela educação superior. Ou seja, a universidade não é mais necessária para a reprodução da ordem econômica vigente.

A pequena camada responsável pela organização estratégica da economia e da gestão social pode ser formada em centros de excelência construídos para poucos em países centrais, coisa que a elite brasileira tem feito sistematicamente ao mandar seus filhos diretamente para estudar fora do país (Safatle, 2025, p. 3).

Nesse quadro em que os trabalhadores, antes circunscritos ao ensino médio e técnico, agora adentram a universidade, e as elites, antes formadas pela/para as universidades, optam por centros de excelência constituídos exclusivamente para eles. Além disso, também percebemos decadência do prestígio das universidades públicas refletida nas perdas salariais dos servidores e na deterioração da infraestrutura dessas instituições. O cargo de docente de universidade federal, antes uma opção para os filhos

⁸ Como no exemplo da “maior cervejaria do planeta” que realizou altos investimentos em educação no país. Sobre oligopolização e financeirização da educação superior no Brasil, veja os estudos de Marques (2013), Poz, Maiss e Costa-Couto (2022), Pereira e Brito (2018) e Sguissardi (2008).



das elites sociais, não é mais do interesse dessas classes, restando como opção ainda interessante para as classes médias e baixas.

A aposta dos “setores que sabem que podem sobreviver sem universidade” é no dissenso, na qual também se identifica claramente as formas do neoliberalismo e do estrangulamento contínuo das capacidades de atuação da universidade pública (Safatle, 2025; Silva; Leher, 2024). É nesta face da moeda em que a lógica de mercado para o ensino superior, incorporada do *ethos* do “capitalismo acadêmico”, tem imposto claro comprometimento da função estratégica da universidade, responsável pela pesquisa, produção científica, desenvolvimento nacional e promoção social.

Por um lado, o pensamento-saber é deslocado para o utilitarismo da privatização do conhecimento, do cérebro-máquina, do capital humano e de uma ótica de produção de diplomados e pesquisadores que ignoram o coletivo em prol dos ganhos individuais (Laval, 2025). Com efeito, a formação superior passa a ser vista como um produto que perdeu o interesse das elites sociais, embora essas mesmas elites ainda possam lucrar com o sonho do ensino superior, construindo um verdadeiro mercado consumidor destinado às classes médias e baixas. Não é por acaso que, nos últimos 10 anos, os cursos EaD tenham atingido 476% de crescimento. Em dados atualizados em 2024, o setor privado apresentou 73% de alunos ingressantes em cursos EaD, restando 27% para o presencial de jovens entre 18 e 24 anos. Para entender a proporção desses números, podemos compará-los aos percentuais das universidades públicas, onde temos: 16% para EaD e 84% para o presencial (INEP, 2020).

No estado do Amazonas, apenas 15,3% dos jovens em idade de 18 a 24 anos estão cursando o ensino superior, média inferior a nacional, que é de 18,1%. Dentro desse pequeno grupo, 75,2% estão realizando o curso superior em instituições privadas. E entre os que estudam nessas instituições, 39% estão realizando EaD. Apesar de um número expressivo, ele ainda é inferior à média de toda região norte, que é de 51% de matrículas em cursos de educação a distância (SEMESP, 2025). Ora, qualquer comerciante da educação entende a partir daí que há espaço para o crescimento dos cursos EaD no Amazonas, principalmente quando se percebe que o índice nacional de 2024 apontou que mais de 90% de ingressantes e matrículas foram em licenciaturas em EaD (INEP, 2020).

Em 2025, os cursos EaD já ultrapassaram em número de matrículas os cursos presenciais no todo do território nacional. Dentre as licenciaturas, o curso de Pedagogia, sozinho, tem mais da metade (55,3%) das matrículas. Como é fácil de depreender, o curso de Pedagogia é o mais procurado entre os cursos de EaD no setor privado, sendo, em



contrapartida, o mais procurado entre os cursos presenciais do setor público (INEP, 2020; SEMESP, 2025). É possível ver sites de cursos particulares prometendo a formação superior em EaD com mensalidades tão baixas que custam menos do que uma pizza. Na página online www.ead.com.br, restringindo as buscas em Manaus e Pedagogia, foi possível encontrar a formação em EaD pelo valor mensal de até R\$ 37,00. Vários outros cursos foram oferecidos por menos de cem reais mensais⁹.

Suspeitar de valores tão baixos não é próprio de quem se informa a partir de imagens e poucos caracteres, conforme descrevemos sobre as redes sociais virtuais. Não foi por acaso que ouvimos muitas referências sobre a UFAM estar sempre em greve. “Dizem que vou passar anos e anos tentando me formar atoa, para no final ter o mesmo currículo de alguém que se formou em EaD” (MLMS, 2024); “Que há faculdades melhores onde eu poderia estar, sendo elas particulares, ouvi muitos comentários sobre isso antes de começar meu curso na UFAM” (Entrevistado I, 2024).

A representação que vem sendo construída sobre a universidade pública também carrega forma política e teor ideológico, normalmente direcionados ao espectro progressista, como lemos nas falas dos discentes de pedagogia da UFAM: “[...] Não me dê o desgosto de votar em... [...] Já vai se tornar esquerdista, militante” (Entrevistado R, 2024).

O maior dos conteúdos difamatórios que circula meu ambiente familiar sobre a ufam é que os professores ‘doutrinariam’ os alunos para que se tornem de esquerda, ouvi muitas vezes coisas como ‘não deixa esse professor entrar na tua cabeça, ele é petista’, ou ‘com certeza é comunista’ (Entrevistado S, 2024).

A representação de uma universidade pública que teria um partido político se reflete também no tratamento dos seus educandos. Quando perguntados do que são chamados pelas ruas da cidade, uma das respostas chamou a atenção: “Nada além básico, o maconheira, petista, e vagabunda” (Entrevistado C, 2024).

A referência que Safatle (2025) faz a crise na universidade europeia, exemplificando com acusações vindas da extrema-direita de que por lá se pratica o islamo-guachismo¹⁰, se reflete no Brasil, quando um ministro da educação acusou a pouco tempo as universidades federais de serem “madrças de doutrinação”, isto é, escolas islâmicas que

⁹ Consultado dia 12 de ago. de 2025. EaD.com.br. Pedagogia em Manaus – AM. Disponível em www.ead.com.br. Acessado dia 12 de ago. de 2025.

¹⁰ Uma expressão cujo teor busca disseminar o medo ao Islã, misturando totalitarismo, militância de esquerda e ataque aos valores tradicionais cristãos.



ensinam a religião muçulmana. Em entrevista, o ministro aliou ainda na mesma fala sobre a universidade federal brasileira as seguintes palavras:

Foi criada uma falácia que as universidades federais precisam ter autonomia. Justo, autonomia de pesquisa, autonomia de ensino [...]. Então, o que você tem? Você tem plantações de maconha, mas não é três de maconha, você tem plantações extensivas nas universidades. A ponto de ter borrifador de agrotóxico, porque orgânico é bom contra a soja, pra não ter agroindústria no Brasil, na maconha deles eles querem tudo o que a tecnologia tem à disposição. Ou coisas piores, você pega laboratórios de química, uma faculdade de química não era um centro de doutrinação, desenvolvendo laboratório de droga sintética, de metanfetamina (Putti, 2019).

A estratégia da difamação e do medo nas redes sociais teve um auge entre 2018 e 2022, quando todos esses elementos ganharam mais notoriedade e a “guerra cultural” se tornou uma realidade fomentada pelo governo federal. Os professores começaram a ser gravados dentro de sala de aula e hostilizados em atuações de grupos de extrema-direita, sendo os cortes dos vídeos e áudios divulgados pelas redes sociais. Em 2019, um Projeto de Lei vindo legislativo – e que continua em tramitação – propôs alteração do Código Penal na PL n.º 3.262/19 para permitir o estudo em casa, longe das ameaças dos professores doutrinadores (Câmara dos Deputados, 2019). No ano seguinte, uma Medida Provisória do governo federal tentou suspender as eleições para reitores das universidades federais, instaurando a figura do reitor biônico, indicado pelo executivo (Brasil, MP n.º 979, 2020). Por fim, ainda em 2020, o governo federal, por meio do Projeto de Lei n.º 3.076, tentou criar O “Programa Universidades e Institutos Empreendedores e Inovadores – Future-se” (Câmara dos Deputados, 2020).

As difamações oriundas do campo político não diminuíram nos anos seguintes. Muitas falas de atores políticos produzidos para as redes sociais virtuais continuaram a fomentar a “guerra cultural”: “Não tem diferença de um professor doutrinador para um traficante que tenta sequestrar e levar os nossos filhos para o mundo do crime. Talvez até o professor doutrinador seja ainda pior [...] (O Globo, 2023). “[...] queimaram vivos dentro de pneus, e é isso que esses estudantes alienados, filhos de papai que têm grana merecem. Não que eu queira isso, mas merecem, aqueles que estão arriscando acabar com nosso Brasil” (Metrópoles, 2022).

Se a faculdade vai acabar com a vida do seu filho, não manda ele para a faculdade. Vai vender picolé na garagem. Ah, mas eu não criei o meu filho para isso. Cê criou pra quê, para ir para o inferno, pô?! Criou o seu filho pra quê? Criou sua filha pra quê? Para virar uma vagabunda? Cê criou para ser



uma mulher santa, uma mulher digna, de família, cheia de Deus. [...] Ah, eu tenho um sonho. Meu sonho é ter um doutor na minha família... Aí o seu filho tá lá, doutor. Mestrado, doutorado, rabalado, cabacaba, labacaba, lagabaga, lagabaga. Cê vai falar de Jesus. Ele fala assim: Não fala de Deus pra mim, não! Acabou sua vida! (UOL, 2024).

Entremeados nos interesses que descrevemos anteriormente encontramos discursos com vernizes religiosos fortemente divulgados nas redes sociais, como nessa fala logo acima, proferida por um pastor evangélico. Discursos como esse não se encontram no caminho de explicação que tem como foco os interesses religiosos, como deixaremos claro um pouco mais adiante. Embora não seja objeto dessa pesquisa escrever sobre isso, por ora, é preciso deixar claro que quando igrejas reúnem policiais fardados para um culto ou quando os líderes religiosos reúnem fiéis para o louvor, mas, no final, pedem votos para candidatos à cargos eletivos ou sobem em carros de som para fazer proselitismo partidário, não estão pregando fé alguma, mas fazendo propaganda política. Nesses exemplos citados, que são fartamente encontrados por Manaus e pelo país, quando contém material difamatório com sentido de prejudicar a imagem de uma instituição, comete-se crime contra a honra objetiva.

Os pastores chegaram em mim falando que eu não deveria ingressar na UFAM pois era um ambiente com muitas drogas e que me desviaria da igreja (Entrevistado T, 2024).

Igreja Evangélica- O pregador de uma das igrejas evangélicas da cidade de Manaus, ‘alertou’ sobre a cautela de estudar em uma instituição como a Ufam; Rede social- na rede social Twitter ou ‘X’ (Entrevistado N, 2024).

A filha do pastor da igreja que eu frequentava acabou falando que após minha entrada na UFAM eu me tornaria ‘comunista’ e ‘alienada’, além de insinuar que muitos alunos eram usuários de drogas (Entrevistado J, 2024).

Meus pais sempre apoiaram que eu ingressasse em uma universidade pública, porém, sempre houve um receio da parte de todos que eu me ‘perdesse’ (palavra usada frequentemente por familiares ou pessoas da igreja), pois existe uma mudança de pensamento, orientação sexual e posicionamento político ao ingressar na universidade (SDN, 2024).

Duas reportagens que aludem a esses conteúdos chamaram a atenção recentemente, um na Folha de São Paulo, “Grupos evangélicos levam “batalha espiritual” a universidades” (Balloussier, 2025) e no Jornal do Campus, “‘Que desça o fogo santo sobre a USP’: culto evangélico reacende debate sobre uso do campus” (Miyadaira; Schwan, 2025). As reportagens descrevem o crescimento de ações nos *campi* das universidades públicas em todo país, citando grupos que contam com o apoio de igrejas como a



Assembleia de Deus, Igreja Monte Sião, Igreja Universal do Reino de Deus, entre outras. Segundo escreve Anna Virgínia Balloussier, “Na prática, a presença dessas missões evangelizadoras nos *campi* municiam as guerras culturais que polarizam a sociedade”. Já para Luiza Miyadaira e Theo Schwan, para entender essas ações, é importante destacar as palavras dos próprios pastores nessas ações: “Você está em guerra. Acho que você não entendeu, mas você está em guerra”; “Nós oramos para que o fogo santo desça sobre a USP e consuma todos os falsos deuses! Que consuma todo altar de adoração ao mal!” ou “A USP pertence ao senhor Jesus Cristo!”; “A USP não pertence a Karl Marx nem ao comunismo!”

Na UFAM, no campus Arthur Virgílio Filho/ Manaus, alguns grupos religiosos têm se utilizado do Centro de Convivência (CDC) e de diferentes salas de aula, pátios e corredores do setor sul e norte para pregação. Dois pontos são importantes para descrever a ação desses grupos: O primeiro é que todos os movimentos realizam o trabalho de acolhimento, conforto e orientação espiritual, bem como realizam shows, teatros, palestras e, sobretudo, treinamentos para novas lideranças com fins de aumento dos fiéis e ocupação do espaço acadêmico. Ao contrário das confusões descritas nas reportagens acima citadas, até o presente momento, não houve qualquer conflito com a comunidade acadêmica da UFAM. Permanece, contudo, um estranhamento entre os estudantes que não estão participando desses eventos sobre o uso do espaço público e laico para fins religiosos.

Esse estranhamento tem origem autêntica, posto que a fórmula da diferença da leitura da realidade em que vivemos é tão simples quanto antiga. Os saberes religiosos estão submetidos à parâmetros específicos, que em algumas religiões são chamados de dogmas, sendo originalmente revelados por meio de sonhos, visões ou presságios por alguma entidade mística. Evidentemente, nem todo conhecimento religioso tem essas origens. O uso da razão faz parte da produção intelectual religiosa, embora, ao fim, sua leitura do mundo ainda esteja submetida aos dogmas da religião. Os saberes científicos estabelecidos também têm base racional, mas, por outro lado, não estão presos à dogmatismos. Esses saberes não são advindos de sonhos, visões ou presságios. Embora sempre se possa alegar a intuição como motor para busca do conhecimento científico, eles, necessariamente, precisam passar pelo império do experimento em um processo dialético de contestação do conhecimento anteriormente estabelecido para a produção de novos saberes. Dito isso, não é necessário descrever que a universidade pública, em especial, a UFAM, exercita essa última forma de leitura da realidade: “In universa scientia veritas”.



Porém, é necessário apontar que 67,5% dos entrevistados não sabiam exatamente o que significa o lema da UFAM.

No contexto de crise da universidade, dentro do espaço acadêmico, as pregações não realizam difamações diretas contra a instituição, mas, por outro lado, realizam claramente condenações morais quanto a atitude acadêmica, isto é, da forma de ser, estar e pensar próprios da produção científica. Alia-se a isso, a ideia de que o estudante da universidade pública estaria doente por conta do próprio ambiente universitário, ignorando *propositalmente* os problemas atuais da humanidade ligados à pobreza, à falta de perspectiva, à ansiedade generalizada, à depressão e a outras doenças da mente, causadas em grande medida, pelas redes sociais virtuais das *Big Techs*, que ainda tem se dedicado a construir rapidamente uma sociedade narcísica, imersa ao espetáculo absoluto. Por isso, são comuns vermos nas redes sociais desses grupos atuantes expressões como: “Ei, Cristão, você não está sozinho na universidade!”. Seria, até aqui, possível a coexistência dessas formas de ler a realidade em uma sociedade tão ampla e diversa, apostariam muitos que nos leem até aqui. No entanto, não é só isso que estamos observando diariamente. Aliás, foi justamente por conta dessa observação diária que escrevemos “propositalmente” em destaque nas entre as sentenças anteriores.

Há uma camada mais profunda dessa atuação de grupos evangélicos dentro das universidades. Uma camada que só é descoberta quando mergulhamos um pouco mais na pesquisa. Mergulho esse que, como já comentamos, a atual geração que se informa por imagens tipificadas e poucos caracteres, não está habituada a realizar. Isso nos leva ao segundo ponto sobre esses grupos: os suportes desses movimentos.

Esses movimentos se apresentam com a imagem de projetos feitos por jovens e para jovens, de atividade autônoma e de surgimento espontâneo a partir do chamado de Deus. Por conta disso, são frequentemente encontradas nas redes sociais desses projetos, referências de que esses grupos são interdenominacionais, isto é, segundo o argumento usado, eles até envolvem diferentes igrejas, mas sem que alguma delas possa ser apontada como responsável. No entanto, a estrutura desses grupos não termina nos líderes estudantis, em alguns casos, existem os líderes Elo e os líderes *Coachs*, somente após passar por esses, é possível chegar às igrejas a qual eles estão ligados.

Essas doutrinações dentro da universidade pública têm por base o Reconstrucionismo (Batalha Espiritual), mais popularmente adaptado (em sua forma moderada) como Teologia do Domínio ou Doutrina dos Sete Montes. Trata-se de uma corrente de pensamento que determina que os cristãos devem se dedicar a conquistar e



dominar as sete esferas de influência da sociedade (família, religião, mídia, entretenimento, negócios, governo e, claro, educação). A proposta é reconstruir cada uma dessas esferas à imagem da sua conservadora crença religiosa (Pereira, 2023; Gouvêia, 2024).

A tentativa de abordar a questão envolvendo a educação e a religião nos levaria até a antiguidade ocidental, discutindo sobre a educação liberal helênica e a influência dos deuses nas decisões de cada indivíduo, ou até a antiguidade tardia e a idade média para discutir sobre o ensino secular e formação educacional cristã dos padres, ou ainda, ao surgimento das universidades e a tentativa de conciliar a fé e a razão na escolástica. Um tema, inclusive, já muito presente nos livros de Filosofia e História da Educação, requerendo apenas a atenção e leitura dos interessados. A questão que enfrentamos com o Dominionismo, no entanto, não é de conciliação ou coexistência, mas de conquista do espaço acadêmico e da universidade pública. Trata-se da dominação de um dos sete montes, com fins de instauração de uma teocracia (Gouvêia, 2024).

CONCLUSÃO OU “EU ACHAVA QUE NÃO FAZIA DIFERENÇA EU PENSAR OU NÃO CRITICAMENTE [...]” (RBS, 2024)

Quando nós aprendemos a ideia de família a partir da nossa experiência de vida, formulamos um conceito. Esse conceito normalmente é controlado pela própria família de onde viemos, uma vez que é lá em que se inicia a nossa educação. Contudo, quando nós aprendemos que a família se comporta de maneiras diferentes de acordo com a classe social, de acordo com região do meu país, e de forma ainda mais dissemelhante em outras culturas e outros tempos, algo muda na ideia que tínhamos sobre família. No final, ainda podemos escolher manter a nossa ideia original de família. O que mudou, portanto, foi o fato de poder escolher. De agora em diante, no momento em que precisarmos nos expressar, podemos falar que o meu modelo de família não é o único e que posso conviver com as diferenças. Para que isso aconteça, é preciso experimentar a universidade.

Eu achava que não fazia diferença eu pensar ou não criticamente, pois eu ainda crescería, trabalharia e morreria pobre, nenhum pensamento ou movimento revolucionário social iria mudar a realidade, e se mudasse, não seria em meu tempo de vida. Só queria me formar, passar num concurso pra ter uma vida mediana e depois envelhecer e morrer. Hoje em dia eu já vejo a importância que é estudar a história, tanto da educação quanto da nossa vida no Brasil e no Amazonas, e como tudo teve influência da igreja e da elite branca, tanto como me sentir parte disso por finalmente ter pessoas parecidas comigo em sala de aula. Pois, nas escolas que eu estudei, principalmente a do ensino médio, eu não me sentia parte daquilo.



E aqui sim, me vejo como uma pessoa negra (parda) e tem pessoas iguais a mim aqui, o que me deixa muito feliz e me faz sentir incluída (RBSS, 2024).

No exemplo simples sobre o conceito de família ou na fala de um dos entrevistados, percebemos a importância da universidade para transformação do ser social. Além disso, quando a universidade faz parte das políticas públicas dos governos com vistas no desenvolvimento regional e nacional, torna-se possível o acesso a novas tecnologias que deixariam para trás a dependência aos países do norte do globo.

A UFAM tem um lugar especial nesse processo de desenvolvimento, posta a sua localização geográfica privilegiada, encrustada no bioma amazônico. No entanto, por mais que as premiações e honrarias conquistadas pela universidade sejam de conhecimento acadêmico e por parte da sociedade manauara, é preciso traçar planos para que seja de conhecimento de todos o que é feito dentro da universidade pública. A UFAM tem realizado eventos científicos em que as redes de ensino municipal e estadual de educação básica tem participado fortemente, inclusive trazendo as suas pesquisas, o que contribui sobremaneira com o reconhecimento da universidade como um espaço científico onde eles podem continuar os seus estudos. Palestras, eventos esportivos, eventos de artes e até visitas guiadas por docentes e técnicos também contribuem para o entendimento de que a UFAM também é um espaço deles. Com isso, a ideia de que a representação pela ausência pode se desfazer, desconstruindo os engodos vindos das difamações realizadas, principalmente, pelas redes sociais virtuais.

Antes de me tornar aluna, eu tinha uma visão bem legal sobre a UFAM, desde a primeira vez que ouvi falar sobre ela, me deu uma vontade imensa de conhecer e principalmente de ingressar nela, e essa vontade foi confirmada ano passado quando fiz uma excursão com minha escola, onde viemos conhecer a UFAM, quando adentrei parecia que estava no paraíso, foi uma experiência muito legal e significativa, e que confirmou meu pensamento sobre a UFAM (Entrevistado P, 2024).

Não imaginava que a universidade tivesse uma boa estrutura, como salas com ar condicionado, banheiros limpos ou refeitórios em boas condições, devido a diversos comentários negativos em relação a estrutura da universidade [...] (SNV, 2024).

Essa pesquisa foi realizada com estudantes de pedagogia da Faculdade de Educação, mas não há motivos para pensar que os resultados desse questionário seriam diferentes em qualquer uma das dezenas de licenciaturas que podem ser cursadas na UFAM, dado o perfil dos discentes e suas origens sociais. De forma geral, inclusive, outros cursos, trazem as mesmas posições e indagações, como os colegas docentes estão



REFERÊNCIAS

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados** v.5, p. 173-191, 1991.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. In: Coleção dos Pensadores. Tradução de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

COSTA, Joaze Bernardino. Política afirmativa, democratização do acesso à universidade e propostas de avaliação: Lei de cotas teve papel central para a entrada de negros, indígenas e estudantes oriundos de escolas públicas nas universidades públicas. **Cienc. Cult.** vol.75 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2023.

CUNHA, Christina Vital da. O pânico sobre a Teologia do Domínio e a cegueira sobre a ganância laica. **IHU – Unisinos**. 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/637556-o-panico-sobre-a-teologia--do-dominio-e-a-cegueira-sobre-a-ganancia-laica>. Acessado dia 15 de nov. de 2025.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã**: o ensino superior, da Colônia à Era Vargas. 3. ed. rev. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CWUR. Global 2000 List by The Center for World University Rankings. **CWUR 2025 Edition**. Disponível em: <https://cwur.org/2025.php>. Acessado dia 26 set. de 2025.

EAD.COM.BR. Pedagogia em Manaus – AM. **EaD.com.br**. Disponível em www.ead.com.br. Acessado dia 12 de ago. de 2025.

GOUVÊIA, Ricardo Quadros. Teologia do Domínio: uma introdução. **Faculdade Unida - Youtube**. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8buQLnca1WA&t=254s>. Acessado dia 18 de nov. de 2025.

INEP. Censo da Educação Superior, 2020. **INEP**. Disponível em: [Resultados — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | INEP](https://inep.gov.br/resultados). Acessado dia 16 de nov. de 2025.

JESUS, Beatriz Pereira de; NOBRE, Thalita Lacerda. As bolhas sociais e o discurso de ódio nas redes sociais digitais. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 14, n. 36, 2024.

JESUS, Damásio E. de. **Direito penal**: parte especial. v. 2, 14. ed. São Paulo: Saraiva, 1992. Disponível em: https://www.academia.edu/94799275/Direito_Penal_2_Parte_Especial_Dam%C3%A1sio_de_Jesus. Acessado dia 24 set. de 2025.

LAVAL, Christian. A transformação neoliberal da universidade e suas relações com a episteme capitalista. **Cad. CRH**, Salvador, v. 38, p. 1-14, e025048, 2025.

LÉ, Jaqueline Barreto; ANECLETO, Úrsula Cunha; Ribeiro, Ana Elisa. Saindo das bolhas de pós-verdade: ética da informação para fluência digital e combate às fake news. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 29–48, 2022.

LE MOS, Joelma Galvão de; COELHO, Daniel Menezes. O uso político do discurso do ódio: um estudo de caso no Facebook (2016). **Revista Psicologia Política**, v. 19, n. 46, p. 528–542, 2019.



LIMA, Fábio Souza C. As raízes da Faculdade de Educação da UFAM: uma análise do contexto em que a instituição se desenvolveu (1960 a 1980). **Revista Amazônida**. Vol. 1 n. 01, julho, 2020.

MARQUES, Waldemar. Expansão e oligopolização da educação superior no Brasil. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 18, n. 1, 2013. Disponível em: <https://submission.scielo.br/index.php/aval/article/view/113706>. Acessado dia 15 out. de 2025.

METRÓPOLES. **Para deputado, alunos pró-Lula da UFSM merecem morrer queimados**, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XWf7zjlccKg>. Acessado dia 17 out. de 2025.

MIYADAIRA, Luiza; SCHWAN, Theo. 'Que desça o fogo santo sobre a USP': culto Evangélico reacende debate sobre uso do campus. **Jornal do Campus**, 17 out. 2025. Disponível em: <https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2025/10/que-desca-o-fogo-santo-sobre-a-usp-culto-evangelico-reacende-debate-sobre-uso-do-campus/>. Acessado dia 16 de nov. de 2025.

O GLOBO. **Eduardo Bolsonaro compara “professores doutrinadores” a traficantes**. 2023. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/MtzgwqBW6P8?si=5jwDhNmlu8jABSeC>. Acessado dia 17 out. de 2025. Pereira, Eliseu. Teologia do Domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico-política do bolsonarismo. **Projeto História**. São Paulo, v. 76, pp. 147-173, Jan.-Abr., 2023.

PEREIRA, Tarcísio Luiz; BRITO, Silvia Helena Andrade. A expansão da educação superior privada no Brasil por meio do FIES. **EccoS – Revista Científica**, n. 47, p. 337–354, 2018.

POCKETS. **Campus on fire**. Aprenda a expandir o Reino de Deus e cumprir o ide na sua universidade - Um treinamento online de cristãos universitários que querem transformar suas universidades! s.d. Disponível em: <https://pocketcampusonfire.com/>. Acessado dia 6 de nov. de 2025.

POZ, Mario Roberto Dal; MAIA, Leila Senna; COSTA-COUTO, Maria Helena. Financeirização e oligopolização das instituições privadas de ensino no Brasil: o caso das escolas médicas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 38, n. 14, 2022.

PUTTI, Alexandre. Sem apresentar provas, Weintraub diz que federais cultivam plantações de maconha - O ministro da Educação afirmou, também sem provas, que os laboratórios de química das universidades produzem metanfetamina. **Carta Capital**. Educação. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/sem-apresentar-provas-weintraub-diz-que-federais-cultivam-plantacoes-de-maconha/>. Acessado dia 16 de nov. de 2025.

QUADRADO, Jaqueline Carvalho; Ferreira, Ewerton da Silva. Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. **R. Katálisis**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 419-428, set./dez. 2020.

SAFATLE, Vladimir. A universidade como alvo global. **Caderno CRH**, [S. l.], v. 38, p. e025034, 2025.



SECOM. **Educação**: Brasil conquista posição de destaque em ranking global de universidades. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2025/06/brasil-conquista-posicao-de-destaque-em-ranking-global-de-universidades>. Acesso em: 26 set. de 2025.

SEMESP. **Mapa do Ensino Superior**. 15ª Edição, 2025. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/mapa/educacao-15/>. Acessado dia 16 de nov. de 2025.

SGUISSARDI, Valdemar. Modelo de expansão da educação superior no Brasil: predomínio privado/mercantil e desafios para a regulação e a formação universitária. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 29, n. 105, p. 991–1022, set./dez. 2008.

SILVA, Priscila Thayane de Carvalho. **Um estudo sobre a experiência da política de cotas na Universidade Federal do Amazonas**: caminhos para uma política universitária antirracista. [Tese de Doutorado em Educação] UFAM. 2023.

SILVA, Simone; LEHER, Roberto. A austeridade comprometendo o futuro da universidade pública e sua função social. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 24, n. 47, p. 15-34, jan./jun. 2024.

SOARES, Igor. Inteligência artificial é uma segunda revolução na leitura, diz Roger Chartier. **Folha de S. Paulo**, 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2025/10/inteligencia-artificial-e-uma-segunda-revolucao-na-leitura-diz-roger-chartier.shtml>. Acessado dia 22 out. de 2025.

STJ. **Súmula n.º 277**: a pessoa jurídica pode sofrer dano moral. 1999. Disponível em: https://www.stj.jus.br/docs_internet/revista/electronica/stj-revista-sumulas-2011_17_capSumula227.pdf. Acessado dia 26 set. de 2025.

UFAM. **UFAM em números – 2024**. Disponível em: <https://proplan.ufam.edu.br/index.php/transparencia-e-prestacao-de-contas/ufam-em-numeros.html>. Acessado dia 26 set. de 2025.

UOL. **Pastor André Valadão diz a fiéis para não mandarem filhos para faculdade**: “Vai vender picolé”. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YyVOxF00Qoc>. Acessado dia 17 out. de 2025.

ZUCKERMAN, Ethan. Redes sociais criam bolhas ideológicas inacessíveis a quem pensa diferente. Trad. Paulo Migliacci. **IHU Unisinos**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/572020-redes-sociais-criam-bolhas-ideologicas-inacessiveis-a-quem-pensa-diferente>. Acessado dia 15 out. de 2025.



DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Fábio Souza Correa Lima

Conceituação, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, *Software*, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita – rascunho original, Escrita – revisão e edição.

Raissa Pereira Cândido

Curadoria de dados, Investigação, Escrita – revisão.

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA DA INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL

Estudo aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa - CEP/ UFAM, número CAAE: 82223724.3.0000.5020. Autorização para aplicação do questionário da direção da FAGED, dia 12 de junho de 2024. Processo nº 23105.025485/2024-57. SEI nº 2090747. Os dados da entrevista estão disponíveis em: <https://surl.it/ndinvw>.

Artigo recebido em: 12 de dezembro de 2025

Aceito para publicação em: 12 de janeiro de 2026

Manuscript received on: December 12nd, 2025

Accepted for publication on: January 12nd, 2026

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FAGED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

